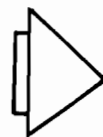


**Aldeia Comunal 1.º de Maio**

# **UMA EXPERIÊNCIA**



**Integrado nas brigadas das Actividades de Julho da Universidade Eduardo Mondlane, um elemento da Direcção Nacional de Cultura esteve na Aldeia Comunal 1.º de Maio em Gaza para fazer uma recolha cultural. O balanço dessa experiência podemos considerá-lo positivo se bem que aqui no limitemos a reproduzir algumas das notas mais lineares dessa experiência com o objectivo de dar a conhecer como é que um certo sector da juventude citadina reage no campo, nas aldeias comunais, e ainda para incentivar outros jovens que tenham registado factos dignos de nota nas suas actividades de Julho a nos escreverem a fim de universalizar a sua experiência que enriquecerá o nosso património cultural e a necessária recolha dos factos que só o povo conhece.**





Estive cerca de trinta e cinco dias na Província de Gaza, distrito de Chókwé, numa aldeia comunal em construção sita a 20 quilómetros da sede daquele distrito.

Tive como primeira impressão da aldeia um «aglomerado de palhotas» e nada mais. Nunca fizera uma mínima ideia do que era uma aldeia comunal embora tivesse tido uma pequena eluci-

dação esquemática da mesma. A Aldeia 1.º de Maio surgiu aquando das últimas calamidades naturais, as cheias do rio Limpopo naquela província. Os seus residentes na maioria vêm

O estudo colectivo de uma planta. Estudantes e camponeses unidos na mesma tarefa.



Escutando a experiência de 95 anos de vida... num diálogo difícil.



de Chilembene, Senquene, Wantchinga e outras localidades. Embora haja uma grande preocupação em misturar as populações oriundas das várias localidades, com objectivo de acabar o divisionismo e o regionalismo o combate era difícil pois via-se claramente toda a força ideológica que o colonialismo utilizou para desfazer a unidade popular.

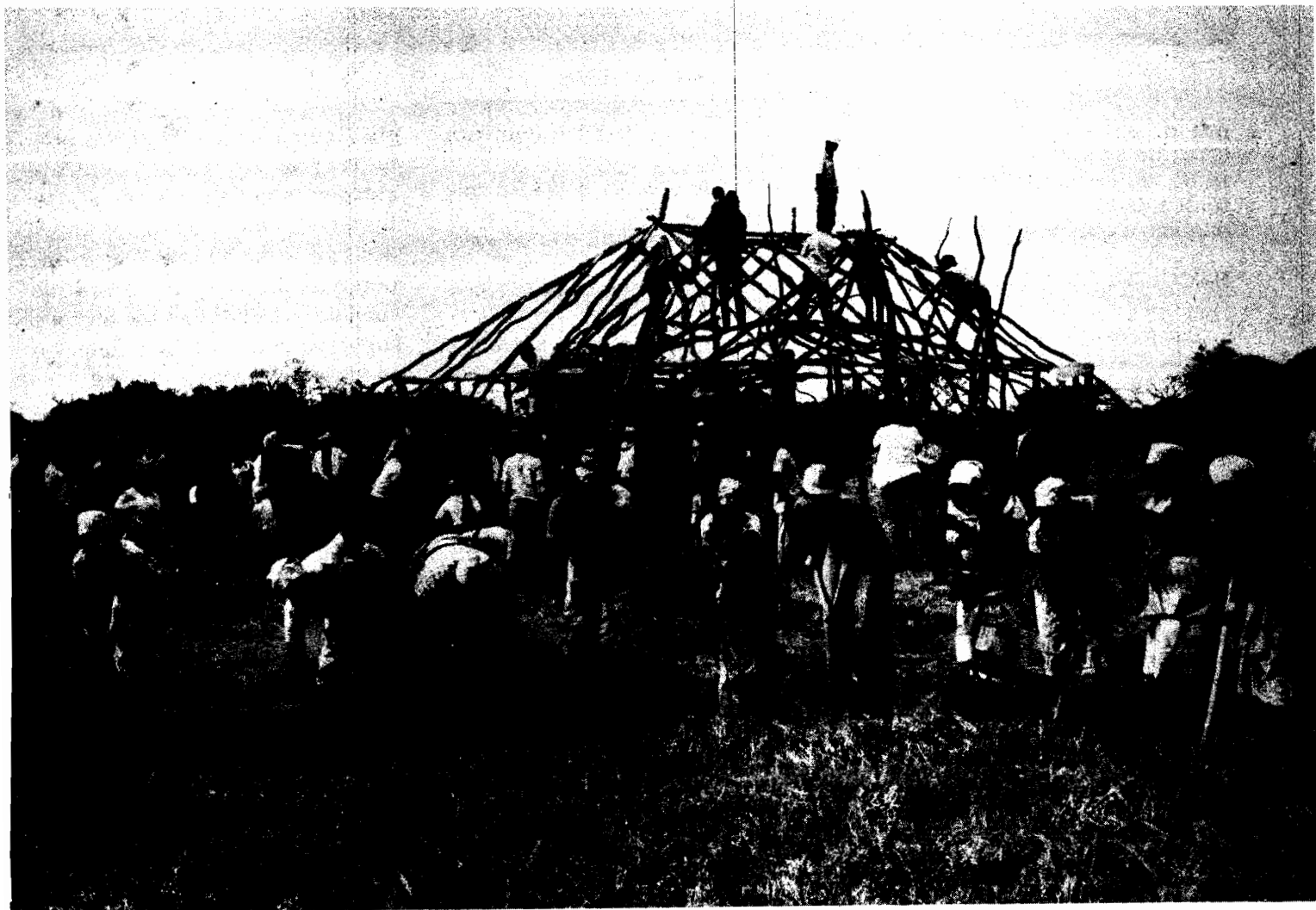
Todo o trabalho é orientado por sete elementos (os mais activos e sensíveis à nossa linha política) eleitos pela população aquando da saída dos elementos da segurança que até então trabalhavam na evacuação das pessoas atingidas pelas cheias e na criação daquela aldeia. Aqueles sete elementos debruçavam-se fundamentalmente na demarcação de talhões, sua distribuição por cada agregado familiar e respectivos materiais de construção (estacas, pregos e caniços) provenientes do apoio directo do go-

verno. As tarefas eram realizadas colectivamente. Havia dificuldades na obtenção de produtos alimentícios, pois a jovem aldeia comunal não possui machambas colectivas nem individuais. Como consequência avisavam-se famílias onde a fome era evidente com excepção de algumas que subsistiam com as colheitas do ano transacto. Outras ainda que apresentavam uma situação menos aflita viviam dos lucros obtidos pelos maridos ou filhos das minas da África do Sul, do gado e do artesanato, por vezes.

Para famílias que por razões de vária ordem tinham o tradicional «chefe de família» ausente a construção da casa e arranjo da mesma não constituía problemas: a comissão Coordenadora da Aldeia apoiava bastante sempre que surgiam destas situações.

A falta de um centro educacional e sanitário tem contribuído em parte para a dificuldade que sentimos no combate contra o analfabetismo e seu irmão gêmeo, o obscurantismo. O problema dos poços sem um mínimo de protecção quase no fim das minhas actividades foi superado porque enviou-se para a Aldeia máquinas de perfurar e montou-se um poço exemplar no centro comunal. Estou certa que com o saneamento deste problema não só se irá resolver o problema da sede em si, mas também vai se contribuir para o afastamento de doenças que afectam a maioria das crianças de Chókwé.

Inicido o levantamento cultural tive a oportunidade de ver na prática quanto o tradicionalismo e colonialismo influem na nossa cultura e personalidade. Não iria contar os vários casos de poligamia mas apontar ape-



*A festa do trabalho.*





Abrindo uma latrina.

nas o caso de um homem com cerca de sete mulheres, uma nora de dezasseis aproximadamente lobolada por um dos filhos daquele o qual tem dezoito anos.

## RECOLHA CULTURAL

Em todas as canções de resistência, de construção de estradas do chibalo, da machila e das plantações descobri valores de poesia. Vi claramente que não precisamos de andar em grandes universidades para fazer poesia (em todas elas estavam inseridos poemas de revolta contra a crueldade do colonialismo). Também há palavras que na minha mente ficaram gravadas como quando um dia entrevistei um homem de 75 anos de idade tentando obter mais elementos de que foi o chibalo em Gaza. Tendo-lhe feito uma pergunta respondeu de olhos secos voltado para mim: — *Aquele que é mais velho que o colonialismo conhece o chibalo minha filha...*

Não satisfeita, prossegui:

— *Então o vovô (assim lhe tratei) é mais velho que o colonialismo?*

Desta vez respondeu com um sorriso:

— *Sinto-me mais velho do que ele porque quando chegou, o meu pai e o nosso povo já existiam!...*

Este velho chama-se Lisboa Tivane.

Outro que também sofreu a repressão na carne com lágrimas respondeu-me de cabeça baixa:

— *Não te cantarei nenhuma canção de resistência. Teria muito gosto em fazê-lo mas para quê lembrar-me do chibalo? Não camarada! Dá-me impressão de levar uma chicotada nos ombros! E agora quando vejo pessoas, o «nkululeko» (independência) lembro-me do passado triste. Sim, nós sofremos nas manhãs friorentas...».*

Tais afirmações feitas por indivíduos que muitas vezes pensamos não possuírem nada de novo levaram-me a contactar mais velhos. Encontrei uma mulher que agora só espera a morte. Ela aparenta no mínimo 95 anos de idade. Teve medo de mim e dos meus colegas mesmo depois de esclarecermos qual é o nosso objectivo. Não conse-

gui fazer nenhum inquérito pois tomou-nos por polícias. Somente soubemos que foi presa e era sobrevivente das guerras promovidas por Gungunhana. Outra das poucas coisas que disse foi que em tais batalhas faziam abrigos subterrâneos onde as crianças e as mulheres se refugiavam.

O que relatei é um pouco de tudo quanto pude observar nos dias em que estive na Província de Gaza. Sou de opinião que a construção, solução e afastamento dos problemas das aldeias comunais também depende de nós que lá não vivemos. E para que o campesinato seja na verdade aquilo que se pretende que seja devemos dar o nosso contributo para a edificação das aldeias comunais tendo sempre presente que elas são um factor mobilizador e determinante no combate à fome e à miséria.

Ana Magaia